

O BRASIL, UM PAÍS EM EXPANSÃO?

por Mário Soares

1. Assim o pensamos desde que Fernando Henrique Cardoso e depois Lula da Silva e agora Dilma Rousseff, transformaram o Brasil, em um dos grandes países em expansão, como a China, a Rússia e os Estados Unidos, obviamente. O país do futebol, também, com o Mundial de 2014. Um grande acontecimento.

Para tanto, estão em construção novos estádios, nesse Estado imenso chamado um país Continente com 8.514.876 Km² de território e 196 milhões de habitantes. De longe o mais vasto Estado de língua portuguesa - esse país irmão membro da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa) - coisa que os britânicos não permitiram que acontecesse, à sua antiga colónia, de fala inglesa, os Estados Unidos, que nunca entrou na Commonwealth, a comunidade dos Estados de língua inglesa... Porquê? Por fraqueza ou por medo, seguramente.

Entretanto, a América de Roosevelt, criou a Aliança Atlântica, mais tarde NATO, a que Portugal aderiu, apesar de ser uma ditadura e Salazar amigo da Alemanha de Hitler, a quem vendeu muito volfrâmio. Mas no fim da guerra a preocupação principal do grande Churchill, era o comunismo, que ocupou, com a vitória na II grande guerra a chamada Alemanha de Leste e os outros Estados do Leste ocupados pelos soviéticos.

Vem tudo isto a propósito do que se acaba de passar, de forma completamente inesperada, em diferentes Estados brasileiros: as manifestações que ocorreram, sobretudo, de jovens, quase todos da classe média. Manifestações pacíficas, algumas atacadas pelas forças policiais, com violência, que só provocaram mais manifestações em vários Estados, mas sempre mais ou menos pacíficas. Contra o quê? Contra a corrupção, principalmente, mas também contra o futebol - imagine-se! - o despesismo, que parece tem vindo a crescer com a criação de novos estádios e o arranjo megalómano dos antigos.

É estranho que isso tenha acontecido com uma população que em geral ama o futebol. Mas, ao que parece, por duas razões: pela corrupção que está ligada ao futebol, a propósito da construção de novos estádios e das remodelações dos antigos, e pelo preço dos bilhetes, ultra caros, impossíveis para que os jovens que estão a começar a sua vida, os possam comprar.

Sucedo isto quando a Presidente Dilma Rousseff, que lutou contra o mensalão e levou a Tribunal e depois à cadeia, sem hesitar, vários elementos do seu Partido e do de Lula.

Mas a história dá muitas voltas. A primeira manifestação realizou-se em São Paulo e a polícia de choque atacou com violência, o que foi um motivo de grande indignação para toda a gente e não só para os jovens. Resultado: uma questão pacífica comunicou-se a vários Estados Federais, como o Rio de Janeiro, Baía e Brasília e pode vir a contaminar outros Estados, como Minas Gerais, e a diversos países da América Latina.

A Presidente Dilma Rousseff, por razões que desconheço, falou talvez tarde demais. Mas falou bem e de forma moderada e compreensiva, em relação aos jovens manifestantes. Mas a situação já se tinha alastrado. E as coisas, entretanto, tinham-se agravado. A indignação comunicou-se a todo o Brasil e em alguns casos tornou-se violenta, como sucedeu no sábado passado. E as televisões, como sempre acontece, deram notícia do sucedido e não só no Brasil... Curiosamente Lula da Silva, tem estado calado.

No sábado passado a Presidente falou de novo e muito bem, quanto a mim. Aceitou a indignação dos jovens e elogiou o facto de se terem manifestado. Mas chamou a atenção para o facto de não admitir a violência e alguns distúrbios que fizeram (que vi na televisão) tentando arrancar pedras das calçadas e destruindo carros e janelas de prédios. Ora, isso é crime e será punido. Disse Dilma, como aviso.

Espero que as coisas se recomponham e entrem na normalidade. Mas não estou certo que assim seja. A raiva contra a corrupção e as desigualdades sociais, tão manifestas no Brasil, apesar dos progressos sociais feitos, nesse sentido, pelos anteriores Presidentes, Lula da Silva em especial, e pela actual Presidente, dadas as promessas que fez, envolvendo o próprio petróleo, serem muito importantes. Assim, temo que as manifestações continuem. E mais: contaminem outros Estados latino-americanos, onde as desigualdades sociais sejam grandes, como a corrupção.

Veremos o que se passará nos próximos dias. Porque as coisas são o que são e não é só a União Europeia que está em crise. Parece ser o que se passa mais ou menos e por diversas formas, no Mundo inteiro. É uma nova civilização ou diferentes, que estão em mudança. E não toleram as desigualdades e a corrupção, onde todos sabem tudo de todos...

2. A Turquia, a Síria, o Irão e o Mundo Islâmico

Comecemos pelo Irão, onde ocorreu uma grande mudança: as eleições que deram a vitória a Hassan Rohani, religioso moderado, eleito pela sociedade civil, contra o fanático da bomba atómica, Mahmoud Ahmadinejad e o Guia Supremo, Ali Khamenei.

Visitei o Irão há poucos anos, com a Academia da Latinidade, sob a direcção do professor brasileiro Cândido Mendes e com a minha filha Isabel, que aliás teve de ir com a cara tapada, como era da praxe. Além da capital, visitei Ormuz, que foi território português e que tem ainda um castelo português, que devia ser recuperado.

Fui também outras cidades, sobretudo do sul, onde permanece a história da grande Pérsia, do tempo de Alexandre Magno. Ficámos alojados na capital num grande hotel, com uma comida horrível, e fomos recebidos pelos principais personagens do regime que agora perderam a sua importância, como Ali Khamenei. Autorizaram-nos a visitar um Museu de arte moderna (sobretudo francesa) de rara beleza mas que não estava aberto ao público...

Como no nosso grupo havia pessoas de várias nacionalidades, bastantes embaixadores europeus convidaram-nos para jantares (incluindo o português), onde estavam presentes as autoridades do regime que, exactamente, às dez horas da noite, sistematicamente, saíam. A partir de então as senhoras convidadas tiravam os véus que tapavam as suas caras e os homens começavam a beber whisky e vodka. A sociedade civil não escondia a sua oposição às autoridades, dado o medo, que sempre existe, quando não há democracia.

Tinha antes, de longe, seguido a derrota do Xá da Pérsia, como se chamava o Irão, e a sua morte. Conheci, em Paris, a Rainha Farah Diba, aliás uma Senhora de excepcional beleza e simpatia pessoal.

O Irão actual vai ser diferente. Quer refazer relações com os Estados Unidos e a Europa e vai contribuir muito para que haja uma nova relação de forças no mundo muçulmano.

A Turquia é outra coisa

A situação está a deteriorar-se de dia para dia. E o primeiro-ministro Erdogan, que foi eleito democraticamente, nos primeiros tempos manteve um equilíbrio entre muçulmanos, cristãos e mesmo judeus, parece agora agarrado ao poder como uma lapa e perante o descontentamento da população comporta-se como um ditador. O que está a tornar-se perigoso e insuportável.

Conheço relativamente bem a Turquia. De Istambul a Ankara e do Centro até à costa mediterrânica. Sempre apreciei a história desse admirável país, membro da NATO, que pensei devia ser membro da União Europeia e, nesse sentido, me pronunciei inúmeras vezes.

Contudo, alemães e franceses nunca o quiseram. Não sei porquê. Hoje são responsáveis, em grande parte pela situação a que a Turquia chegou, esquecendo os ensinamentos de Atatürk e com a luta entre muçulmanos extremistas, alguns próximos da Al Qaeda, cristãos e judeus. Uma tragédia que conta já com milhares de mortos e feridos e Erdogan a transformar-se em ditador, para se impor - ao que parece em vão - às arruaças e manifestações violentas que se repetem sem que haja uma saída à vista. Assim vai o Médio Oriente com perigo para todos, palestinos e judeus, cristãos coptas, protestantes, ortodoxos e alguns católicos. Além dos muçulmanos, xiitas e sunitas. E com a

NATO a desaparecer aos poucos. Uma tragédia de que a Alemanha e a França não querem sequer ouvir falar...

A Síria é outro caso

Uma luta de dois ditadores que vem de longe: Pai e Filho, ambos ditadores. Conheci o Pai, quando visitei a Síria e falei com ele. O Filho nunca o conheci, mas é parecido com o Pai, que me recebeu em Damasco, a única cidade síria que conheço. E que tem grande valor religioso e artístico. Tinha ele então o gosto (ou o interesse) de conhecer e falar com os políticos europeus. Mas não gostei dele, porque sou democrata e abomino os ditadores...

A Síria vive hoje uma verdadeira guerra civil, onde têm morrido milhares de sírios pelo simples crime de querer mais liberdade e democracia. Contudo, a União Europeia não intervém - nem a Alemanha nem a França - e os próprios Estados Unidos também não. Porquê? Porque não têm vontade política de travar a mortandade, ao contrário da Rússia que os ajuda com armas, ao antigo estilo soviético... Lembro-me de em tempos ter passado, num barco que parecia deserto, indo da Grécia para Israel e pararmos uma noite num porto sírio, Lataquia, onde vimos com surpresa alguns generais soviéticos a controlar a descarga do barco em que íamos, e que sem o sabermos, transportava material pesado de guerra...

Mundo cão! Quando os interesses financeiros se sobrepõem aos valores, temos tudo estragado: da política aos Estados. São os mercados que contam e não as pessoas...

3. Coimbra tem mais encanto

Foi importante que a UNESCO considerasse como património da humanidade a Universidade de Coimbra, que durante séculos foi o centro da cultura portuguesa que permitiu levar Portugal às descobertas e a civilização a todos os Continentes. E trouxesse para a Europa as religiões e as civilizações que encontrou nos vários Continentes...

Como lisboeta, de que me orgulho, sempre estudei, quer na Faculdade de Letras quer na de Direito da Universidade de Lisboa. Mas, enquanto estudante anti-fascista, contactei muito com os meus colegas de Coimbra e lembro-me de ter dormido uma noite numa "República" em que o Zenha e outros camaradas viviam. Em Letras não havia qualquer oposição crítica à Faculdade de Coimbra.

Mas em Direito não era assim. Marcelo Caetano, que foi meu professor, não tinha boa opinião da Faculdade de Direito de Coimbra. Bem pelo contrário, considerava que a de Lisboa era mais antiga do que a de Coimbra.

Essa questão prolongou-se até um pouco depois do 25 de Abril. Tive algum papel nisso, quando era Reitor de Coimbra o Professor Rui Alarcão, meu querido Amigo. Como então era Presidente da República, fui a Coimbra proclamar: "que a mais velha Universidade portuguesa, era e de longe, Coimbra". Gostei de saber no Domingo passado, que a UNESCO também assim proclamou...

Lisboa, 24 de Junho de 2013